

ESCOLA É LUGAR PARA POLÍCIA?

Resumo

Esta *escrita-experiência* objetiva apresentar fragmentos de uma pesquisa em andamento que problematiza as múltiplas formas de se viver e de aprender fabricadas por meio dos afetos engendrados na tessitura do currículo praticado nas escolas. Acompanha, portanto, os processos de *aprenderensinar* entrelaçados nas interações estabelecidas entre estudantes, professores e policiais professores que atuam no Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd). Em diálogo com Certeau, Larrosa, Ferrazo, dentre outros autores, busca responder o seguinte questionamento: “Escola é lugar para Polícia?”. Como metodologia, utiliza a pesquisa cartográfica e as redes de conversações a fim de acompanhar movimentos de desterritorialização e mapear os processos inventivos curriculares. O estudo aponta que o encontro dos policiais professores com a escola provoca redes de afetos, de saberes, de aprendizagens e de solidariedades, favorecendo o intercâmbio de experiências que enredam novas formas de viver e pensar as relações sociais e o mundo.

Palavras-chave: Currículo praticado. Cotidiano escolar. Redes de afetos. Proerd.

Para início de conversa: é possível ser “bons” os encontros dos policiais militares com as escolas?

O objetivo desse artigo é problematizar as múltiplas formas de se viver o currículo praticado nas escolas, especialmente, os encontros realizados pelo Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd). A nossa intenção é, portanto, acompanhar as redes de relações estabelecidas entre os policiais militares, responsáveis pelo programa, e a comunidade escolar. Em diálogo com Michel de Certeau, Gilles Deleuze e Michel Foucault indagamos de que modo os encontros dos policiais com as escolas favorecem a produção dos currículos vividos e, também, os processos de aprendizagem dos alunos e dos professores. Para tanto, traçamos linhas de pensamento por entre o

currículo e os sujeitos que vivenciam o Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd), realizado pela Polícia Militar do Espírito Santo (PMES).

O Proerd teve sua origem nos Estados Unidos no ano de 1983 e tem por base o projeto Drug Abuse Resistance Education (D.A.R.E.). A estrutura foi planejada por psicólogos, psiquiatras, policiais e pedagogos norte-americanos (ESPÍRITO SANTO, 2017). No Espírito Santo chegou às escolas nos anos 2000, representando mais uma entre tantas outras ações pautadas na importação de metodologias prontas que invadem o cotidiano da escola. Atualmente, os policiais vinculados ao Proerd adentram às escolas por meio do convite da equipe de gestão escolar.

A presença de policiais na escola constitui-se como manifestação explícita da relação de forças existente no cotidiano, afinal, a polícia representa o Estado em sua forma mais repressora. Ao pensarmos que policiais adentram às salas de aulas para mediar processos educativos, precisamos discutir qual a formação pedagógica, que valores sociais, políticos e morais esse profissional tem balizado suas ações dentro desse espaço e, principalmente, entender o que leva a gestão da escola desejar que estes profissionais o ocupem.

Lazzarato (2006, p. 61) afirma que “já deixamos a era da disciplina para entrar no campo do controle”. Nesse sentido, a multiplicidade e as subjetividades que se manifestam no cotidiano escolar, enfrentam estratégias que envolvem redes e os fluxos de pensamento, dispositivos tecnológicos e os processos de subjetivação e sujeição estabelecendo novas formatações de poder (LAZZARATO, 2006).

Considerando que relações de controle tendem a neutralizar tudo aquilo que foge a concepção posta como dominante, utilizamos da pesquisa cartográfica e de redes de conversas entre professores, alunos e policiais militares, para focar o olhar nas maneiras que os sujeitos inventam o cotidiano na escola em suas “artes de fazer” e “táticas de resistência” (CERTEAU, 1994). Em vista disso, passamos a nos questionar, escola é lugar para polícia?

Acreditamos que a prática curricular cotidiana acontece por arestas, onde ocorrem fugas e rupturas. O cotidiano se apresenta a partir de novas formas de exercitar diálogos imprevisíveis e de viver experiências que “[...] nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca” (LARROSA, 2004, p. 154) provocando fissuras nos processos de subjetivação.

Para responder ao questionamento, recorremos a algumas contribuições teóricas das proposições de Certeau (1994), além do acompanhamento dos processos, por meio das redes de conversações. Dentre outros autores que convidamos para compor este estudo estão: Ferraço (2008), Larrosa (2004) e Lazzarato (2006).

Por entre as interações e a pluralidade de conhecimentos que se misturam nas redes do cotidiano, entendemos como Ferraço (2008, p.17) que,

[...] qualquer pretensão de engessar sentidos ou de estabelecer trilhos de pensamentos a serem seguidos é, sumariamente e todo tempo, violada pelos movimentos de redes cotidianas de *saberes-fazeres*, que produzem danças e deslizamentos de significados impossíveis de serem previstos ou controlados.

Ainda que na intenção de cumprir a prescrição de um conteúdo programático posto pelo Proerd, o policial professor desliza junto às redes de significados imprevisíveis ao entrar no labirinto da escola. Muitas vezes é nas entrelinhas das falas, nos questionamentos, nos silenciamentos, no espanto, no olhar, que podemos capturar os movimentos e subjetivações que se apresentam nessa relação. Assim, as possibilidades de produção de conhecimento estarão sensíveis aos encontros e à vida. Ferraço (2008, p.19) explica que,

o conhecimento não é, nessa dimensão das redes, uma propriedade ou uma característica do indivíduo no singular, mas condição de vida, de existência das relações entre esses indivíduos, sujeitos cotidianos complexos e encarnados (Najmanovich,2001). Nesse ponto, vale a pena lembrar que as biociências descobriram que a vida é uma persistência do conhecimento, isto é, processos de conhecimento e processos de vida coincidem.

Pelas redes de conversações capturamos que na sala de aula, os militares extrapolam por diversos momentos as aulas prescritas em lições e dinâmicas padronizadas para dialogar com questionamentos dos alunos sobre experiências de vida.

Práticas políticas que envolvem padronização de comportamento, ações de controle e à composição de uma atmosfera imersa em simbologias e signos militares, sobre os quais pairam vestígios fieis da hierarquia e da disciplina militar, não podem se apresentar no percurso das aulas dos policiais professores como uma “sobrecultura” à da escola. Se isso acontece, o que a escola deseja quando os convida?

Nesse complexo cenário, enxergamos os sujeitos das práticas cotidianas a partir do conceito de “homem ordinário” de Michel de Certeau. Para o autor, o homem ordinário “[...] é no discurso o ponto de junção entre o sábio e o comum – retorno do outro (todo

mundo e ninguém) no lugar que dele se havia cuidadosamente distinguido” (CERTEAU, (1994, p. 63). Podemos, conceber como sujeitos ordinários, alunos professores e todos aqueles que vivenciam o cotidiano da escola, inclusive os policiais professores. Sendo assim, esses sujeitos se afetam e são afetados, constituindo coletivamente uma rede de múltiplas *aprendizagens experiências*.

O cotidiano como espaço para experiências é também local de conflito de ideias, “artes de fazer” e “táticas de resistência”. Certeau (1994) dialoga que “sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de poder (CERTEAU, 1994).

As táticas estão presentes na astúcia sutil dos encontros. Por meio de diversas formas de resistências de alunos aos encontros com policiais. Assim, além da polícia influenciar no currículo praticado com a sua presença na escola, os encontros, as fugas e rupturas existentes, compõem movimentos inventivos que ensinam. A escola pode influenciar a constituição do policial e da Polícia enquanto instituição.

A potência dos encontros entre os policiais e a comunidade escolar também está atrelada a eclosão de experiências relacionadas à possibilidade de se repensar a polícia, no respeito às diversidades, na alteridade, na responsabilidade e na troca de saberes. Os bons encontros escapam às aulas, podendo se estender pelos diferentes espaços da vida.

Referências

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. In: São Paulo: Cortez, 2008.

ESPÍRITO SANTO. POLÍCIA MILITAR. **Diretriz de Organização do Programa Educacional de Resistência às Drogas**. Vitória, 2017.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Tradução de Cinthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Tradução de Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.